Ano XI — Lisboa, Dezembro de 1955 — N.º 128

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

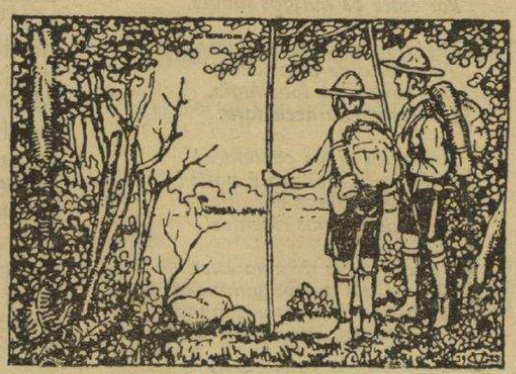
COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

MENSAGEM DE NATAL



A terra dos Efrateus estava adormecida na cadência dos eventos rotineiros do dia a dia. Não havia bulício estranho ao dos labores pastoris, lidas agrestes e misteres domésticos. Porém, o decreto de César Augusto veio quebrar a monotonia da vida e modificar o assunto das confabulações. Chegaram os dias em que por toda a parte se vêem caminhantes dirigindo-se às comarcas do seu nascimento a fim de se alistarem. À noite, quando a terra fica em silêncio, os guardas dos rebanhos, acampados nas cercanias de Belém, recordam as silhuetas dos grupos que durante o dia, por todos os caminhos, acorreram à vila próxima. A luz das estrelas agora mal permite descortinar a configuração das montanhas de Judá e os outeiros que se perdem e encobrem para os lados de Técoa. Tudo é paz ao redor. Eis, senão quando, de modo estranho, um clarão envolve o acampamento dos pastores e um anjo lhes traz novas de grande alegria, que será para todo o povo: «Na cidade de David, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo o Senhor». No mesmo instante, uma multidão dos exércitos celestiais, canta glória a Deus nas alturas, e paz na terra, boa vontade para com os homens.

A tranquilidade daquela noite foi assim alterada no acampamento dos pegureiros de Belém que, indo identificar a mensagem do anjo, passaram a divulgar a palavra que acerca do Menino lhes fora dita. Por toda a parte um misto de curiosidade e fala alegre anima os corações. Em Belém, e dali, todos partem com a recordação de uma viva esperança que jamais será apagada. A alegria dos pastores, mercê da fulgência de momentos que na alma se lhes gravam, sobrepuja todos os entusiasmos que se podem imaginar. Doravante sentem em si e irradiam o júbilo do mais encantador de todos os acontecimentos. A sua vida passa a ser regida pela mensagem celeste, a harmonia dos anjos e a reflexão do presépio de Belém. Esta é a história que sem cessar repetem e acham mais doce cada vez. Para eles, ela encerra a melhor de todas as mensagens, possui a melhor de todas as músicas, e apresenta o melhor de todos os quadros: Fulgor, alegria, glória, tranquilidade; o Menino maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz.



Aquela perspectiva do Céu determinara na vida, daqueles humildes pegureiros de Efrata, a rota do triunfo certo e eterno. É triste a situação de quem jamais na vida logrou seguir uma directriz cujo clímax tenda para a eternidade celestial.

A história sem par do que aconteceu, há quase dois mil anos em Belém, hoje narra-se sob fluente alegria. Ela continua a gerar satisfação sem igual no seio das famílias da terra; deixando vislumbrar o pa-

(Conclui na 2.ª página)

No Primeiro Centenário de Mouzinho de Albuquerque

Passou o I Centenário de Mouzinho de Albuquerque e foi prestada a homenagem que os seus feitos de militar brioso e as virtudes de patriota firme reclamavam.

O vencedor do Gungunhana pertence à linhagem dos bravos Portugueses de antanho, cujas proezas não se explicam senão pelo muito valor e pela tenacidade que imprimiam às suas acções.

As campanhas de África são jornadas mais que vitoriosas. Elas foram realizadas à míngua de todos os recursos: eram poucos os homens, deficiente o material, e escassas as provisões. Ali só sobrava a coragem e a valentia; mas foi com estas armas que se cimentou o êxito do empreendimento.

Magul e Coolela são dois gloriosos padrões levantados ao heroísmo português; mas onde a bravura e o génio dos protagonistas da campanha de África atingem proporções inultrapassáveis é em Chaimite! Só uma vontade forte podia conceber e operar empresa tão temerária. As célebres palavras de Mouzinho «vamos correr quase a morte certa» denotam bem que não foi a inconsciência do perigo o motor do audacioso golpe.

O País compreendeu bem a têmpera do grande capitão, prestando o devido preito ao Homem que, pela Pátria, até a vida friamente se dispôs a jogar, devotadamente, abnegadamente, atitude que os despeitados, os sem-valor, procuraram, a todo o transe, desvirtuar e denegrir. Mas a Pátria não esqueceu o glorioso vencedor de Chaimite e hoje, ao prestar-lhe tão merecido tributo, fá-lo com a consciência de quem tem perante si um lídimo representante dos seus filhos.

«Sempre Pronto», jornal de gente nova, não hesita em apresentar-lhe o prestigioso militar como um exemplo fidelíssimo de perseverança, abnegação e de fé.

«UMA BÍBLIA EM CADA FAMÍLIA»

Uma campanha em que queremos cooperar

Lemos nas «Novidades» que a Revista Catequística acaba de lançar um atraente concurso definido pelo lema «Uma Bíblia em cada família», campanha em que já cooperou um grupo de escutas de um bairro de Lisboa, que angariou fundos e distribuiu o Evangelho aos pobres seus protegidos.

O citado diário termina o seu artigo afirmando que *uma campanha da Bíblia devia merecer da Igreja e do Estado as atenções de uma autêntica cruzada nacional.* Não podemos deixar de aplaudir as palavras das «Novidades» pois sabemos quão poderosa é a Palavra de Deus para regenerar as almas e que, como afirmava Wilson, «*não há nação, por grande que seja, que possa sobreviver às suas próprias tentações e loucuras, se não cuida em doutrinar os seus filhos na Palavra de Deus. A justiça das nações como a justiça dos indivíduos, há-de ter a sua origem nessa fonte de inspiração*».

Sobretudo, esta Campanha é muito interessante sobre o ponto de vista escoteiro. Ela pode unir numa mesma finalidade escoteiros de todas as confissões cristãs. A revista «A Flor de Lis», órgão do C. N. E., já lhe deu guarida nas suas colunas, proclamando que «*espalhar o Evangelho é lançar a mais salutar das Cruzadas; é ser missionário da Palavra de Deus*». Nós diremos que esta campanha é uma forma prática de executar o primeiro artigo do nosso Compromisso de Honra: Amar e servir fielmente a Deus e a Pátria. Colocando o Evangelho nas mãos dos nossos amigos e companheiros, meditando as suas inspiradoras páginas, orientando as nossas vidas pela mensagem d'Aquele que disse «Eu sou a Luz do Mundo», estamos servindo a Deus e servindo a Pátria. Se a vida de cada Escoteiro for inspirada pelo Evangelho, certamente que teremos um Movimento mais forte e mais activo. Alexandre Herculano, historiador que se dedicou ao estudo dos primeiros séculos da era cristã, afirmou que «*o Evangelho bastou para inspirar todas as virtudes, todos os heroísmos do mais ardente amor do próximo, nos séculos primitivos do cristianismo*».

Todos os Escoteiros que tenham dificuldade em adquirir a sua Bíblia, poderão dirigir-se a esta Redacção que lhes será remetido gratuitamente o Evangelho de Jesus Cristo (segunda parte da Bíblia). Basta para isso escreverem-nos um simples postal.

E que cada Escoteiro possa dizer como Camões:

A Lei tenho daquele, a cujo império
Obedece o visível e invisível(...)

MENSAGEM DE NATAL

(Conclusão da 1.ª página)

norama fascinador de muitos séculos passados. Em todas as nações do orbe, desde os infantes aos velhos, os encantos desta época, o regozijo, a música e a poesia, não podem passar desapercebidos. E, para que a essência desta história penetre e perdure nos corações, muitos homens enraizados na causa altaneira do bem, se têm proposto a várias e louváveis actividades. Eles sabem que do Infante nascido naquela noite memorável, veio e virá sempre, a melhor e mais inspiradora de todas as mensagens, comprovada através da marcha dos séculos, pela vida de todos aqueles que têm manifestado ao mundo tudo o que é verdadeiro, honesto, justo, puro, amável e de boa fama, promovendo alegria, paz e felicidade eternas. A mocidade que se forma e transforma sob os auspícios de tal mensagem, jamais sente o remorso de uma vida desorientada e vivida em vão. Antes, tem a visão suprema que lhe enche a vida de quadros encantadores, como aconteceu com os guardas dos rebanhos em Belém; cumprindo a sua tarefa terrestre, receberam a mensagem emanada do Céu.

Felizes são aqueles que se congregam ou acampam para ouvirem os ecos destas novas de grande alegria, que será para todo o povo. Simesses estão no lugar onde ouvirão e aprenderão novas, que sendo imperecíveis, lhes comunicarão luz, alegria e paz. Os mais pequeninos, à semelhança daquele Menino que nasceu outrora em Belém de Judá, cresce; rão em sabedoria, em estatura e em graça para com Deus e os homens-saberão obedecer aos pais que, alegremente, no seu coração, sempre guar, darão o penhor destas coisas. Os mais velhos chegarão à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo.

José Luís Carreiro Jnr.

Sinos do Natal

Estrelas da noite, puras
Como o brilhante mais lindo,
Na terra os sinos ouvindo,
Mais fulgiram nas alturas.

Um concerto foi das aves
Em campos, vales e montes;
Ergueram cantos as fontes
Por entre os musgos suaves.

Muda-se a noite em aurora
Toda feita de alegria!
Diz-se que um lobo fugia,
De terror, cfiarneca fora.

Tocam os sinos contentes!
Meia noite, e um sol é nado!
Sorri-se o campo encantado
À luz de estrelas ridentes!

Outrora a luz de uma estrela
Veio os reis magos guiando;
Quem nos dera viver quando
Os homens puderam vê-la!

Correu no céu, todo glória,
Sobre o presépio quedou-se.
E a voz dos sinos tão doce
De Jesus nos diz a história!

Como nasceu pobrezinho
O Rei dos Céus, que sòmente
Com seu sofrer quis à gente
Ensinar o bom caminho.

João da Câmara

O «SEMPRE PRONTO» E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA
TABACARIA CAMPOS
Campo dos Mártires da Pátria, 119-LISBOA

CORAGEM

Todos os rapazes conhecem o nome Royce, não é verdade?

Mas talvez poucos saibam que esse homem, que inventou o célebre motor «Rolls-Royce», teve de lutar com grandes dificuldades para alcançar a sua alta posição no mundo industrial.

Filho de pais muito pobres, muito pequeno ainda, começou a ganhar a vida vendendo jornais. Mas como era um rapaz corajoso e inteligente, aproveitava todas as ocasiões para estudar e enriquecer os seus conhecimentos. À custa de muito esforço, trabalho intenso e privações, chegou a ser engenheiro. Propôs então no seu coração construir um motor que fosse o melhor, o mais poderoso e mais digno de confiança que qualquer outro — e, com uma tenacidade extraordinária, conseguiu-o!

Mas a falta de dinheiro não foi a maior dificuldade que Royce teve de vencer. Muito maior entrave foi a doença que por muitos anos o impediu de sair de casa. Mas triunfou sobre a doença: mesmo sem ir ao escritório, trabalhava e dirigia o trabalho dos seus colaboradores.

A coragem é uma coisa muito importante. Comparado com ela, o dinheiro é insignificante. Um rapaz com dinheiro e sem coragem, não irá longe; mas um rapaz sem dinheiro e com coragem é capaz de grandes coisas.

Do «*Raio do Sol*»



Um rapaz da rua

De um céu nublado e pardacento, a neve tombava em pequenos flocos brancos. As árvores, os telhados e os caminhos pareciam cobertos de um véu irreal de noivado.

Descalço, a tiritar, o Chico apregoava os jornais. As carnes tremiam, arroxeadas, sob o nevão e àquela hora ainda não conseguira ganhar uns cobres.

Vivia só. Viera do Algarve, onde seus pais haviam morrido num desastre. A pé, pedindo esmola, fizera-se aos caminhos de Lisboa. Aqui, o rapazio das docas convidara-o a acompanhá-lo:

—É Chico, vem daí, *pá*! Vamos para a venda do Diário. Eu empresto-te umas *croas*.

O Chico, que embora pequenito, queria ganhar a vida como as pessoas grandes, aceitou a oferta do companheiro de rua. De tarde, alcançados uns tostões, enganava o estômago numa taberna miserável. À noite procurou alojamento entre umas medas de lenha. E a sua vida passou a decorrer cheia de dificuldades, negra, sem a mais pequena esperança de melhores dias.

Às vezes, antes de adormecer, aconchegado entre os cobertores desfiados, Chico lembrava-se da existência passada outrora com seus pais. Não eram ricos, mas não passavam privações e viviam numa casinha onde havia a alvura do linho e a graça das flores.

Nessa manhã frígida de inverno, Chico correu para um carro, com um companheiro. A sua voz irrompeu, apregoando o jornal. No momento, porém, em que ia atender um freguês, um polícia aproximou-se do carro. O companheiro saltou para o chão. O Chico quis saltar também para a rua. E foi a tragédia. Desequilibrou-se e caiu.

A cabeça sangrava abundantemente. A correr, alguns populares chamavam um automóvel e levaram o Chico ao hospital. E todos os dias o polícia ia ver o pequeno *ardina*.

O tempo passou. O senhor doutor deu-lhe alta. O Chico regressaria outra vez à sua miséria?

Na véspera da saída, o polícia disse ao rapaz que como não tinha filhos, o tomava a seu cargo. Em sua casa teria uma cama fofa e refeições a horas. Nada lhe faltaria. Jamais dormiria ao relento nas docas ou em hospedarias reles e comeria nas tabernas frequentadas por homens muito rudes que dizem mal de tudo e bebem muito.

O Chico cuidou sonhar. E o seu sonho atingiu o auge quando o polícia lhe disse:

—Não faço mais do que o meu dever. Descobri ontem que tu eras meu sobrinho. Teu pai era meu irmão, mas estávamos de relações cortadas havia muitos anos. Soube que ele e tua mãe morreram de desastre e que era desconhecido o teu paradeiro. Tanto te procurei que Deus veio trazer-te a meus braços...

O futuro do pequeno era, agora, risonho. Deitou para longe a sacola velha e remendada dos jornais No outro dia, foi para a escola. Não tardou que entrasse num grupo de escoteiros, pois o tio, embora já não praticasse o escotismo, era grande entusiasta pela obra genial de Baden-Powell.

MANUEL FERREIRA

• o •

Coisas do arco da velha...

Podes cortar um vidro com uma tesoura

Se precisas de cortar um pedaço de vidro delgado e não tens diamante, podes cortá-lo com uma tesoura tão fàcilmente como cortarias um bocado de cartão. A habilidade consegue-se mergulhando o vidro, a tesoura e as mãos dentro de água. O vidro corta-se em linhas rectas ou curvas sem partir nem rachar. É possível conseguir isto em virtude da água amortecer as vibrações da tesoura e da chapa de vidro. Todavia, não deverás permitir que a mais pequena parte da tesoura ou do vidro saia fora da água, porque isso ocasionaria vibrações suficientes para prejudicar o êxito da operação.

Faz esta experiência. Será uma habilidade engraçada. Porém, uma prevenção: nós não tivemos tempo de a fazer. Se não der resultado... manda-nos dizer.

• • o • •

CURIOSIDADES

Multiplicações sensacionais

Escreva os algarismos pela sua ordem, mas omitindo o 8, ou seja: 12345679. Multiplique este número por 9, deixando o resultado no papel. Multiplique depois o mesmo número por 8, por 7, etc., até chegar a 1. Em seguida multiplique cada um dos produtos por 9, e ficará surpreendido com o que obtém.

De *Raio de Sol*

Um problema difícil

A rivalidade entre o Carlos e o João continua por dirimir. Este facto tem trazido interessado todo o grupo, mas especialmente os rapazes da «Veado».

Os dois rapazes, revelando um alto espírito escoteiro, em despeito da competição entre um e outro, continuam a ser bons amigos e óptimos elementos da patrulha, o que é de enaltecer.

Na última adivinha, o João saiu-se bem, muito bem mesmo, pois ela era de surpreender o mais avisado. Cabe pois a vez a ele de apresentar o seu problema, o que fez na última reunião.

O caso aconteceu assim:

Quando chegou o momento adequado, o Carlos perguntou:

—Então, sempre tens um problema a apresentar-me?

— Pois claro, — respondeu o João.

E tirando 6 paus de fósforo da algibeira, dispô-los ao lado uns dos outros.

— A adivinha desta vez é muito fácil — disse o João—. Trata-se, muito simplesmente, de ver se podes colocar estes 6 fósforos de maneira que cada um deles toque os outros 5, isto sem os partir. Serás capaz disso?

O Carlos, julgando poder resolver imediatamente ali o problema, tentou várias combinações. Porém, depressa viu que a questão não era assim tão fácil como a princípio parecia. Guardando os seis paus de fósforo, prometeu trazer a solução na próxima reunião.

* * *

Serão os nossos leitores capazes de ajudar o Carlos a sair-se bem desta prova a que vai ser submetido, enviando-nos o desenho dos paus de fósforos dispostos nas condições anunciadas?

Os que conseguirem este objectivo, receberão, como habitualmente, uma pequena lembrança do "Sempre Pronto".

• • o • •

IMPRENSA

O Semeador Baptista

Este nosso estimado colega, que se publica em Leiria, dirigido pelo nosso querido amigo sr. dr. António Maurício, publicou em Novembro passado um número especial comemorativo do seu 30.º aniversário, data que assinala bem o êxito deste quinzenário.

Com os melhores votos de contínuos progressos, felicitamos na pessoa do dr. Maurício todos os que neste órgão colaboram.

• • o • •

É BOM USAR CHAPÉU

Tem-se difundido cada vez mais o costume de andar sem chapéu. Alguns adoptam para andar no «figurino da moda», outros por economia e muitos para efeitos higiénicos. Entretanto, nos dias em que dominam as intempéries (chuvas contínuas) não é recomendável esse hábito, elegante acima de tudo, nem nos dias de canícula em que a cabeça precisa ser protegida contra os raios ardentes do sol.

Portanto... «não use mas não abuse».

N. G. A.

De SPES de São Paulo



EM SEARA ALHEIA

Estes problemas do futebol

O futebol tornou-se hoje um problema nacional. Por mais que queiramos ignorar as suas questões, somos todos forçados a conhecer os seus problemas. O jornal e a rádio empenham-se em divulgar os acontecimentos desportivos e os problemas ligados às organizações que cultivam o popular desporto. Mas ainda mesmo que queiramos fechar os olhos às parangonas dos jornais e cerrar os ouvidos à linguagem empolada dos comentadores desportivos; no comboio ou no eléctrico, na oficina ou no escritório, onde quer que tenhamos de permanecer, forçosamente teremos de ouvir comentar, apreciar e discutir tudo o que à «bola» disser respeito, já que este assunto ocupa e preocupa a mente de muita boa gente, que parece não ter problemas que mais apelem à sua inteligência e interesse.

Assim, todos nós estamos já peritos na matéria, familiarizados com a técnica dos jogos e das arbitragens e conhecemos, *tu cá tu lá*, os ases dos grandes clubes, cujos nomes são proclamados e admirados como se de grandes heróis se tratassem.

O problema no seu aspecto geral e a influência perniciosa que esta fobia desportiva exerce na educação, foi já tratado nestas colunas com alto critério e profundo raciocínio pelo professor Álvaro Dória. Esse precioso trabalho encontra-se publicado em opúsculo, e o acerto das suas afirmações justifica o comprometedor silêncio com que foi acolhido por certa imprensa muito interessada nos pleitos futebolísticos. Mas o futebol é rico em problemas e apresenta-nos constantemente novidades.

Sabemos que os clubes de futebol há muito que perderam o sentido desportivo. São autênticas empresas de desporto, com grandes interesses económicos e onerosas operações financeiras. Para o bom êxito dos negócios e para manter o interesse pela bilheteira, o que é preciso sobretudo é ganhar, ganhar sempre e de qualquer maneira. Os «furiosos» da bola denunciam por todos os cantos os grandes escândalos das arbitragens, subornos de árbitros, entendimentos fraudulentos entre jogadores e equipas, que chegam a exigir a intervenção da polícia, parecendo-nos, porém, a nós, ouvintes forçados destas questões, que os *desportistas* só protestam e se queixam quando estas coisas vão em prejuízo do *seu* clube.

A leviandade com que se fazem tais afirmações e a facilidade com que talvez tais fraudes se praticam, não podem deixar de exercer influência deletéria na mentalidade do povo, especialmente da mocidade, que se habitua ao conceito pernicioso de que para vencer todos os meios são bons.

Um dos sistemas de que os grandes clubes estão lançando mão para reforçar as suas equipas quando a sorte do jogo não lhes está sendo favorável, é a importação de jogadores estrangeiros. Antigamente, nos finais das épocas, os clubes empenhavam-se em adquirir elementos que se destacavam em clubes modestos ou procuravam *tentar* com sedutoras ofertas os principais *trunfos* das equipas adversárias. O acto não primava já por aquela lealdade que era o timbre do desporto de antanho, mas as operações financeiras a que este negócio obrigava realizavam-se dentro do próprio país. De há algum tempo para cá, porém, as coisas têm mudado de aspecto. Os grandes clubes precisam de ganhar, é imperioso que sejam campeões para que a clientela os não abandone, e como o mercado nacional de jogadores não é muito rico, alargaram as suas vistas para países estrangeiros. Procura-se negociar a aquisição de grandes «ases» e as propostas e as ofertas atingem proporções fantásticas. Fala-se e lê-se que determinado jogador está a ser negociado por muitas centenas de contos e chega-se mesmo a propor negócios que ultrapassam o milhar.

Perante uma situação desta natureza, temos forçosamente de concluir que o problema interessa directamente a toda a nação. É doloroso saber que do nosso país estão saindo somas tão elevadas, que vão depauperar a economia nacional, e que em troca se não recebe qualquer compensação, mas permite-se que um estrangeiro, que nada tem de útil para nos oferecer, aqui se venha estabelecer ganhando ainda um ordenado que faria jus a mais altos serviços.

O desporto, o bom desporto, não tem em vista ganhar, vencer por tais processos. O desporto visa a enriquecer a nação em homens vigorosos e sãos. Deve ser praticado pelos nacionais e por estrangeiros que connosco vivam no lar português. Mas ir lá fora buscar elementos estranhos só para jogar a bola e ainda por cima drenar as economias dos portugueses, parece-nos atitude que não pode ficar, não deve ficar, sem o mais veemente protesto de todos nós, sejamos ou não adeptos do futebol.

E. R.

«SEMPRE PRONTO»

Deseja a todos os seus leitores e amigos um Natal de Paz e Felicidade e um Ano Novo muito venturoso.

Bom exemplo para escoteiros

A Coragem de uma formiga

Uma formiga achou um dia no seu caminho uma pata de carocha dourada, que quis arrastar para o formigueiro. A empresa era difícil porque a formiga estava sòzinha; as suas companheiras andavam sem dúvida ocupadas noutros trabalhos. É certo que a distância não era muito longa—não haveria mais de 50 centímetros de trajecto para chegar ao formigueiro—mas o caminho era muito escabroso, difícil, cheio de pedras e de montículos de terras.

Não é fácil descobrir as tribulações dessa pobre formiga para conseguir chegar à sua toca. A mais insignificante aspereza do terreno era para ela uma montanha. Umas vezes torneava as pedras que encontrava, outras trepava por elas acima. A presa escapava-se-lhe das garras e caía ora para um lado ora para outro. E a pobre formiga, inquieta, mas não desanimada, via-se obrigada a ir procurá-la. E lá ia como um cão de caça com ares de quem farejava e explorava o terreno. E nunca deixava de encontrar a sua presa depois de uma busca mais ou menos longa.

Mas imagine-se a coragem e a paciência de que são capazes estes animaizinhos! Foi sòmente depois de duas horas de luta contra inúmeros obstáculos, que ela conseguiu chegar à entrada do formigueiro, no meio de umas ervas junto ao caminho.

Ali, porém, encontrou auxílio: muitas das suas companheiras correram a socorrê-la e em alguns momentos, apesar da rede inextrincável das ervas, a pata da carocha entrou para dentro do formigueiro.

ERNESTO MENAULT

De *Raio de Sol*

ANTOLOGIA

SUAVE MILAGRE

DE EÇA DE QUEIRÓS

Entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara, para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada.

E sobre ambos, espessamente a miséria cresceu, como o bolor sobre caos perdidos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho secara havia muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão de côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento!

Um dia, um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse Rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a Corte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava?

O mendigo suspirou. Ah! esse doce Rabi! quantos o desejavam, que se desesperançavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia como o sol, que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas, para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galileia, para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Septimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem por seu mando a Cesareia. Errando, esmolando por tantas estradas, ele topara os servos de Obed, depois os legionários de Septimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rotas, sem terem descoberto em que mata ou cidade, em que local ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe reformou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então, o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse Rabi, que amava as criancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

—Oh filho! e como queres que te deixe e me meta aos caminhos, à procura de Rabi da Galileia? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areais e colinas desde Chorazin até ao país de Moab. Septimo é forte e tem soldados e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe, e a nossa dor mora connosco dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho, tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

—Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

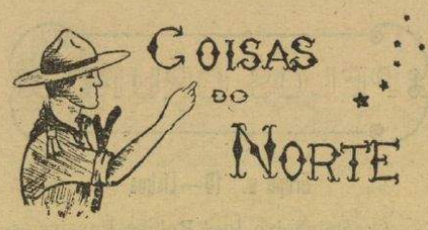
—Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães ladrariam entre a porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabi. Oh filho! talvez Jesus morresse. Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O o céu o trouxe, o céu o levou. E com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

Dentre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

—Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

—Aqui estou.



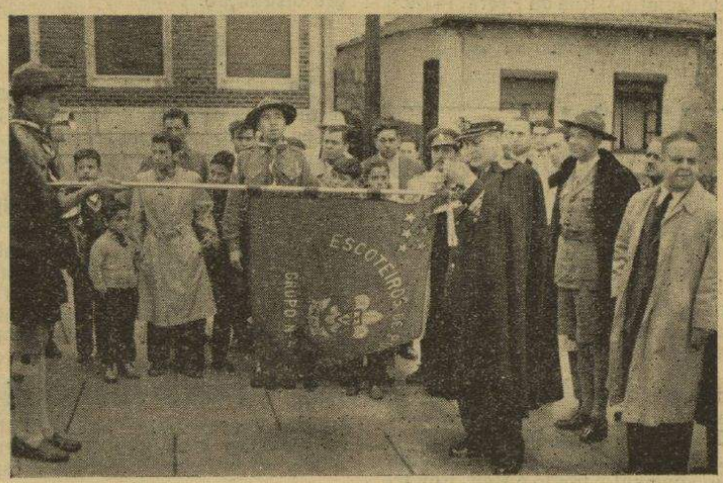
Grupo n.º 4 — Porto

Com a presença do sr. Comandante Coutinho Lanhoso, delegado dos Serviços Centrais do Norte, do sr. dr. Vitorino Leão, presidente da Junta de Freguesia de Paranhos, bem como da direcção do grupo constituída pelos srs. Humberto Carvalho Barbosa, presidente; eng.º Mário A. F. de Vasconcelos e Sá, António Emílio de Carvalho Barbosa, José Martins dos Santos e Manuel de Sousa, e na presença de muitos amigos do grupo e populares, realizou-se em Paranhos uma interessante festa escotista, durante a qual prestaram compromisso de honra novos escoteiros e uma chefe de alcateia.

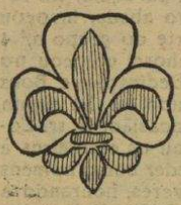
O Coadjutor daquela paróquia, em representação do respectivo abade, invocou a bênção para o estandarte do grupo n.º 4 e o sr. comandante Lanhoso colocou no mesmo a medalha de «Dedicação e Bons Serviços» com que o grupo foi há algum tempo agraciado. Nesta ocasião, o sr. Comandante Lanhoso exortou os escoteiros à prática do bem e a proceder como homens conscientes dos seus deveres, honrando a Associação e honrando a Pátria. Felicitou o Grupo e a sua direcção pelo trabalho realizado.

Agradeceu o sr. Carvalho Barbosa, da direcção, que manifestou a sua gratidão às autoridades presentes, bem como a todas as entidades representadas e amigos, e afirmou que a direcção da sua presidência estava empenhada na boa organização do grupo, procurando dar-lhe uma estrutura moral, técnica e económica, através de actividades bem dirigidas, aliciando para o efeito alguns elementos de projecção social. O lema da direcção é *trabalhar a bem do rapaz.*

Fizeram-se representar condignamente nestas cerimónias os grupos 44 e 91, sob o comando dos seus chefes, tendo os três grupos desfilado em continência perante o Delegado dos Serviços Centrais.



O sr. Comandante Coutinho Lanhoso coloca a medalha de «Dedicação» no estandarte do Grupo 4



ANTIGOS ESCOTEIROS

Almoço de Confraternização do Grupo n.º 2

Despertou maior interesse entre os muitos antigos membros do «2» a iniciativa deste almoço de confraternização, oportunidade magnífica para o encontro de velhos amigos há muito separados pelas contingências da vida.

O repasto efectuar-se-á num conhecido restaurante da Estrada da Torre, 77-A, ao Lumiar, no dia 8 de Janeiro próximo, às 13 horas, e o preço da inscrição é de Esc. 70$00 por pessoa, importância que pode ser paga em duas prestações.

Os interessados devem dirigir-se ao presidente da Comissão Organizadora, sr. Eduardo Quintino, Rua da Prata, 141-2.º, telefone 367373.

As inscrições encerram-se em 30 do corrente mês.

• • o • •

O 22.º Aniversário do Grupo n.º 53-Lisboa

Em 1 de corrente, este grupo de escoteiros comemorou o 22.º aniversário da sua fundação, para o que se efectuou, no Templo da Igreja Lusitana de S. Paulo, nas Janelas Verdes, um culto de acção de graças, durante o qual os escoteiros e o público levaram perante o Senhor as suas orações de agradecimento pelas bênçãos recebidas através da actividade constante daquele agrupamento, tendo o Rev. Eduardo Moreira proferido uma inspirada mensagem de edificação.

Após este serviço, prestou promessa um novo escoteiro, foram distribuídas insígnias e colocada a 22.ª estrela no estandarte do «53».

No domingo seguinte, os escoteiros confraternizaram com um grupo de 22 pobrezinhos, a quem presentearam com um suculento almoço, por eles próprios preparado.

As comemorações continuam ainda, devendo realizar-se um torneio de voleibol entre equipas dos grupos 10, 53, 94 e Pedro Álvares Cabral, e no dia 8 do corrente uma reunião dos escoteiros e pessoas de suas famílias.

A reunião com os pais dos escoteiros

No dia 8 do corrente, realizou-se esta reunião na qual compareceram além dos escoteiros os seus pais. O grupo aproveitou a tarde de feriado para esta reunião, durante a qual apresentou algumas distracções, jogos e canções, proporcionando assim uns momentos agradáveis a todos que estiveram ali presentes.

Depois desta actividade, o grupo serviu um chá aos convidados, durante o qual o Chefe Armando Lino se referiu à história do grupo nestes 22 anos de actividade constante, lembrando alguns nomes de dirigentes que muito trabalharam naquela unidade, as transformações que a sede tem sofrido, e agradeceu aos pais o carinho e interesse que dedicam ao grupo de escoteiros a que seus filhos pertencem.

O Director do nosso jornal felicitou o Chefe e Escoteiros do 53 e fez votos por novos e constantes progressos do seu grupo.

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 10—Lisboa

O caminheiro José Relvas Pereira escreveu da Índia Portuguesa enviando as suas mais afectuosas saudações para todos os seus camaradas e amigos bem como votos de Boas-Festas.

António Joaquim Mendes

Não se confirma a notícia publicada no último número a respeito deste nosso assinante, pelo que apresentamos as nossas desculpas a este dedicado amigo.

Grupo n.º 94 — Ajuda

No domingo, 20 de Novembro, este grupo realizou um bivaque no Monsanto, durante o qual as patrulhas executaram jogos e exercícios e passaram uma tarde em alegre distracção.

Grupo n.º 33 — Leiria

Em virtude do ingresso de novos elementos, foram organizadas duas patrulhas neste grupo, que tem realizado diversos exercícios nos arredores da cidade do Lis.

Grupo «Pedro Álvares Cabral»—Lisboa

No passado dia 28 de Novembro, este grupo, realizou, com a colaboração dos Serviços Culturais da Embaixada dos Estados Unidos da América, mais uma sessão de cinema, durante a qual foram apresentados interessantes filmes educativos cedidos por aqueles serviços. O vasto salão social da Igreja Lisbonense encontra-se repleto de pessoas amigas do grupo, entre as quais se viam muitos rapazes, alguns dos quais se inscreveram como aspirantes.

• • o • •

DO ENTRONCAMENTO

Grupo N.º 84

No dia 27 de Novembro passado, a banda e o grupo de escoteiros tomaram parte na inauguração do hospital desta Vila.

Neste acto discursou o sr. José Duarte Coelho, presidente do «84» e o sr. Subsecretário das Obras Públicas, executando no final a nossa banda o hino da Maria da Fonte.

O grupo tomou também parte no imponente e rico cortejo organizado nesta ocasião, apresentando um carro com motivos escotistas imitando um acampamento, onde eram transportadas as suas ofertas e as dos escoteiros.—*C.*

• • o • •

Torneios Populares de Xadrez

A revista portuguesa de xadrez «Xeque Mate», a fim de contribuir para a expansão da modalidade em terras lusitanas e simultâneamente assinalar a passagem do seu primeiro aniversário, vai promover a realização de torneios populares de xadrez, abertos a todos os praticantes da modalidade, quer estejam ou não filiados em Grupos.

O regulamento dos torneios, que permite a inscrição de todos os xadrezistas, indiferentemente da sua situação geográfica, será enviado gratuitamente contra pedido dirigido à redacção da revista, sita na Rua Luciano Cordeiro, 19, r/c. Esq., em Lisboa.

Recordações

Muita vez, quando me sento numa pedra da montanha e olho para o mar, recordo com saudade o maior amigo que até hoje tive... Ele viera um dia para a terra onde eu vivia com os meus pais muito velhinhos, uma madeixa de cabelo sobre a testa, calça de vaqueiro e uma mochila sobre os ombros. A sua família habitava um castelo na outra margem do rio e não tinha grandes simpatias. No entanto, decorridas algumas semanas, o moço tinha conquistado toda a gente com a franqueza rude dos seus actos e a bondade do seu coração.

Depressa nos tornámos grandes amigos, apesar de ele ser já muito mais velho que eu. Logo pela manhã, corríamos pela praia fora até enfiarmos nas ondas do mar. Depois, nadávamos para longe, muito longe, até a praia quase se esfumar no horizonte. Peixes passavam por nós em cardumes, lançando reflexos fantásticos de prata doirada sobre as rochas do fundo, silenciosos na sua beleza imóvel e submersa.

Outra vezes, com o almoço num saco, subíamos a serra, rasgando as pernas na vegetação rasteira. Quando chegávamos ao cume, ficávamos quase de boca aberta olhando o quadro que a natureza nos oferecia.

—Jorge—dizia-me ele estendendo as pernas—repara como Deus foi bom ao criar todas estas árvores, este sol e o mar que corre lá em baixo num murmúrio sem fim...

Descíamos a serra aos saltos, dando gritos como peles-vermelhas, e eu corria para casa a tempo de apanhar a tarefa habitual.

Assim foi a vida durante um, dois, três anos. Depois, veio a idade, os exames, tanta coisa: Lembro-me ainda que, na despedida, os meus olhos se encheram de lágrimas quando lhe disse adeus.

O tempo passou e nunca mais o vi... No entanto, quando me sento numa pedra da montanha e olho para o mar muito azul, regresso aos meus tempos de criança, esperando ver surgir das ondas, como um peixe doirado e fantástico, o meu maior amigo...

JORGE ADOLFO CIERCO

• • o • •

Comemorações do 1.º de Dezembro

Uma deputação da Região Centro dos Escoteiros de Portugal, postada nos Restauradores, assistiu ao desfile da Mocidade Portuguesa e à colocação de um ramo de flores no Monumento dos Restauradores, acto em que também se fez representar a direcção dos Escoteiros de Portugal.

Depois desta cerimónia, a deputação colocou um ramo de flores no mesmo monumento, acto a que assistiram alguns chefes dos grupos de Lisboa.



Grupo n.º 6 — Olhão

Este grupo comemorou o «Dia da Restauração» efectuando na sua sede uma sessão presidida pelo chefe do grupo, secretariado pelos escoteiros José Manuel Carrusca e José Manuel Martins, do Grupo 77, e Vítor Simões e Vítor Venâncio de Jesus, do grupo n.º 6.

Apresentaram palestras alusivas à data os escoteiros António do Carmo Lopes, Daniel e António Siragusa Leal, Domingos da Assunção Carlos, João Manuel Anastácio, João do Carmo Lopes, José Manuel Dias, Carlos Pereira Bentes e Vítor de Jesus.

Receberam prémios de bom comportamento os lobitos Manuel Correia, Salvador Melo, António Leal e António dos Santos. Foram distribuídos os prémios do concurso preparatório para o troféu «Custódio Quintas», cabendo o 1.º e o 2.º prémios respectivamente às patrulhas «Galo» e «Águia» e cordão de seda à «Tigre».

Foram entregues insígnias a diversos escoteiros e guias da Divisão Auxiliar Feminina e o chefe Francisco Pina colocou no peito do caminheiro Vítor Simões a insígnia de chefe da Divisão Escoteira, cargo para que foi nomeado.

Após este acto, prestaram promessa os novos lobitos Lucas Alziro Iria e José Fernando Guerreiro Reis, e compromisso de honra os novos escoteiros Júlio Peres e José Baptista.

A sessão terminou com um interessante programa de canções, poesias, monólogos e música, tendo o chefe do grupo agradecido a presença de tantas famílias dos escoteiros e a dos membros do 77 de Faro.

No dia 4, domingo, realizou-se na Vila o desfile que se não pôde efectuar no dia 1 por, infelizmente, o dia não ser de feriado obrigatório como antigamente. Neste desfile tomou parte o grupo 77 de Faro, tendo ambos os grupos apresentado os seus efectivos completos. — C.

CASAMENTO

No dia 8 do corrente, efectuou-se o auspicioso enlace matrimonial da sr.ª D. Susana Gizela de Brito, chefe de alcateia do grupo «Pedro Álvares Cabral» com o nosso amigo sr. Pedro Vital Barbosa, secretário do mesmo grupo.

O acto religioso realizou-se na presença de numerosas pessoas amigas na Igreja Presbiteriana de Lisboa, na rua de S. Bento, sendo celebrantes os revs. dr. Manuel Conceição Jr. e Carlos Augusto de Vasconcelos.

Os escoteiros do citado grupo e do grupo 10 prestaram as suas homenagens aos noivos, a quem o «Sempre Pronto» apresenta votos de muitas venturas pessoais.

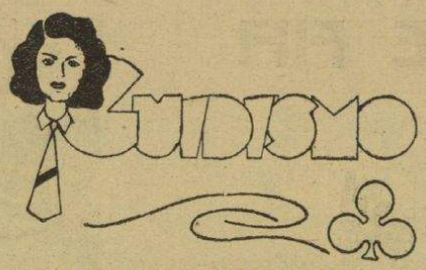
Melhor é ser repreendido do sábio, que ser enganado com adulação do néscio.

A ingratidão perverte o juízo, cega o entendimento e corrompe a vontade.

FREI HEITOR PINTO

Só há um meio de edificar sòlidamente para o tempo e para a eternidade: é edificar sobre a virtude.

SILVEIRA MALHÃO



Um novo Grupo de Guias de Portugal

Na Igreja Evangélica Presbiteriana Lisbonense, à rua Febo Moniz, está em organização um novo grupo de Guias de Portugal, encontrando-se já inscritas diversas meninas. Este grupo está sendo dirigido interinamente pela subchefe do Grupo «Rainha D. Leonor», menina Sara Serra, de colaboração com a menina Maria Hermínia Pinto, indigitada para futura chefe.

Encontra-se aberta a inscrição para novas aspirantes, que pode ser feita às terças-feiras, das 21 às 22 horas.

Comemorações do 43.º Aniversário do Grupo n.º 2 — Lisboa

No dia 4 de Dezembro, este grupo comemorou com uma sessão solene mais um aniversário da sua fundação. Presidiu o Escoteiro-Chefe Geral, sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, secretariado pelos srs. dr. Francisco Cortês Pinto, Edmundo Costa, secretário da Junta de Freguesia da Ajuda; tenente-coronel Joaquim Duarte Borrego e capitão Manuel Duarte Borrego, elementos fundadores do «2».

O Presidente do grupo, sr. Madeira Leitão, saudou as pessoas presentes, seguindo-se no uso da palavra o chefe sr. dr. Eugénio Ramos. Por último, felicitou o grupo e os seus dirigentes o Escoteiro-Chefe Geral.

Os convidados visitaram as instalações da sede, que sofreram importantes obras, apresentando um aspecto atraente. No decorrer desta visita, discursou o sr. dr. Cortês Pinto e tenente-coronel Duarte Borrego que, em termos comovidos, se referiram ao significado do escotismo.

O sr. Costa, secretário da Junta, num brilhante improviso, manifestou o seu apreço pelo escotismo e lembrou que as juntas de freguesia deveriam incluir nas suas preocupações os problemas da mocidade das suas paróquias e que na sede de cada junta deveria existir um grupo de escotismo.

Na sala denominada do Fundador, foi descerrado um retrato do sr. Comandante Tenreiro, presidente da A. E. P., e do chefe do grupo em festa.

Estiveram presentes a esta sessão os sr. Rocha Borges e Dias de Almeida, da direcção da A. E. P.; Com. Augusto de Campos, Eng.º João Cabral, comissário regional do C. N. E.; Eng.º Nobre Santos e o representante do «Sempre Pronto».

A Guarda de Honra foi prestada por escoteiros do 2 e do 9, aqueles equipados da D. C. T..

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doentes — Em meados de Outubro passado, foi submetida a uma operação cirúrgica urgente a guia Susete Rodrigues Varela, do grupo de guias «Rainha D. Leonor», que decorreu com inteiro êxito, com o que nos congratulamos.

● A chefe de alcateia do grupo 94, D. Gina Saraiva, em virtude de uma lamentável queda, fracturou os ossos da bacia, motivo por que se encontra hospitalizada em tratamento. Fazemos votos pelo seu breve restabelecimento.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Campo Nacional na Suécia

A K. F. U. M.s Scoutforbund, associação escotista das Uniões Cristãs da Mocidade da Suécia, membro da respectiva associação nacional, enviou convite a todas as associações escoteiras para se fazerem representar no seu acampamento nacional a realizar em Galö, no arquipélago 30 km. ao sul de Estocolmo, de 3 a 13 de Agosto do próximo ano. O acampamento está planeado para 3.000 escoteiros, seniores, caminheiros e dirigentes e será dividido em grupos de 30.

As despesas do acampamento são de 45 coroas suecas. Os escoteiros com menos de 20 anos beneficiarão do desconto de 50% nas viagens de C. F. e com mais de 20 anos de 25% de desconto.

Os escoteiros interessados em tomar parte nesta actividade, deverão dirigir-se ao Secretário das Relações Internacionais da A. E. P..

Terceira Conferência «DUTY TO GOD»

Desde 1952 que o Departamento da Mocidade do Concílio Mundial das Igrejas e a Aliança Mundial das Associações Cristãs da Mocidade, vêm promovendo uma Conferência Bienal Ecuménica «Serviço de Deus». A última realizou-se em 1954 em Nyborg Strand, Dinamarca.

Numa reunião preparatória com representantes de diversas associações escotistas da Europa, foi estabelecido o programa para a reunião de 1956 e enviado convite às associações escotistas para se fazerem representar na Conferência que se efectuará de 19 a 23 de Março de 1956 em Bièvres, a 15 km. de Paris.

O objectivo da Conferência será:

a) Auxiliar o Escotismo promovendo, através de uma troca de impressões, uma clara compreenção e apreciação do princípio escotista do «Serviço de Deus» no seu contexto evangélico;

b) Elucidar as Igrejas e os movimentos cristãos de juventude sobre o que é o Escotismo e o que ele pode oferecer;

c) Promover a cooperação entre o Escotismo, as Igrejas e os Movimentos cristãos de juventude.

O tema da conferência será «Escotismo e a Igreja de Cristo», dividido nos seguintes itens:

1 — O Escotismo como uma Comunidade de Juventude na Igreja.

2 — O que o Escotismo espera da Igreja.

3 — O Ministério do Escoteiro-Chefe.

4 — O Escotismo e o Movimento Ecuménico.

5 — Um Estudo Bíblico sobre a Natureza e Função da Igreja.

A reunião será presidida por Charles Wood, secretário das Relações Internacionais da Associação dos Escoteiros da Grã-Bretanha e é esperada a representação das Repartições Internacionais de Escotismo e Guidismo, do Exército de Salvação e possìvelmente da Associação dos Escoteiros da América do Norte.

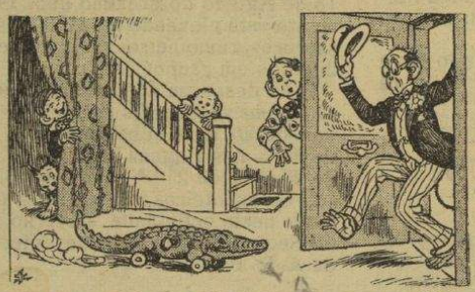
Este número foi visado pela Comissão de Censura.

AVENTURAS DE FIFI

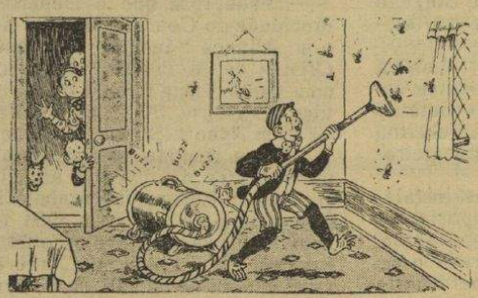
VIII



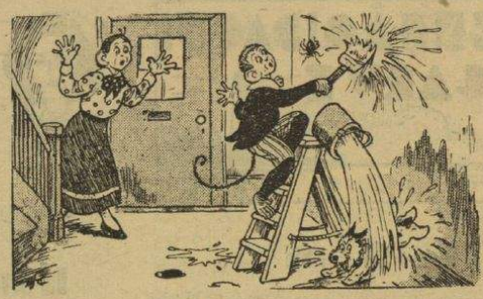
Não se sabe como, mas o certo é que o Fifi conseguiu apoderar-se do elefante que estava no Jardim Zoológico e anda com ele na faina de apanhar o que pode. Olhem para a aflição do pobre comerciante. Que grande maroto o Fifi!



Como o tempo tem estado chuvoso, o nosso Fifi entretém-se em casa. No entanto, cada vez dá menos mostras de juízo. Vejam o susto que pregou ao pai. É capaz de apanhar um correctivo e é bem feito...



A ideia não é má. Mas quem fará mais barulho: as moscas, o aspirador ou o Fifi? No entanto, é de concluir que a ideia não seja aceite pela família, pelo seu carácter anti-económico...



Mas até quando procura ser útil, o Fifi se mostra desastrado. É já ser infeliz. O pobre do cãozinho apanhou mais tinta que a parede. E o Fifi que apanharia?

ENRIQUEÇA A SUA BIBLIOTECA ESCOTEIRA!

Todo o Escoteiro, especialmente os Dirigentes, deve ter empenho em possuir uma pequena Biblioteca Escoteira, onde possa procurar inspiração para as suas actividades escotistas e até para a sua vida.

Para ser Escoteiro — Provas de 3.ª classe — (para escoteiros)	3$00
(para outros)	4$00
Sempre Pronto — Provas de 2.ª classe	5$00
Livro de Jogos, de Botto Velho	15$00
Para ser Escoteiro, do Prof. Floriano de Paula — Provas de classe	12$00
Provas de 2.ª Classe, do Coronel Léo Borges Fortes	8$00
Escutismo para Rapazes, de Baden-Powell. O livro base do Escotismo, indispensável a todos aqueles que se interessem pelo Movimento quer como Dirigentes, quer como Escoteiros	20$00
Aplicando o Sistema de Patrulhas, de E. E. Reynolds.	4$00
Curso de Monitores, (Guias de Patrulha)	12$00
Desporto, Cinema e Educação, pelo Prof. A. Álvaro Dória	7$00

Muitos outros livros em português e francês. Pedidos às Edições «Sempre Pronto» pelo correio ou pelo telefone 63 66 07

O fumo, a bebida e o jogo são vícios de adultos que por isso atraem alguns rapazes, mas o vício secreto não é vício de homens—os homens não têm senão desprezo por aquele que se lhe entrega... O vício solitário é coisa perigosíssima porque, tornando-se hábito, tende a arruinar a saúde e o ânimo. — B.-P.

Se calhar não sabe que...

A forma de apanhar rãs nalgumas localidades de França

Nalgumas localidades do sul da França é usado um estratagema curioso para apanhar as rãs, petisco muito apreciado naquelas regiões:

Os pescadores imitam o ruído produzido pelos machos, o que faz com que as fêmeas sejam atraídas e se lancem, sem qualquer reacção, nas mãos dos seus terríveis captores.

Não deve meter a boca da garrafa no copo

É prática bem corrente, nos cafés e restaurantes populares, mergulhar a boca da garrafa, principalmente de cerveja e de outros líquidos espumantes, na bebida despejada no copo, a fim de evitar demasiada efervescência.

Esse processo representa, entretanto, grande perigo para os que consomem a bebida, pois em regra a boca da garrafa, algumas vezes só sumàriamente limpa, pode conter muitos germes, dos quais alguns nocivos, que seriam absorvidos por quem tolera esse costume.

A bem da saúde, pois, além de procurar conseguir que o criado, ou outra pessoa que o sirva limpe cuidadosamente a boca da garrafa, não deixe que ela mergulhe no copo.

N. G. A.

De SPES São Paulo

Remoção de espinhas alojadas na garganta

O processo mais simples é mastigar um bocado de limão e engolir o sumo, ou uma colher de vinagre, gota a gota. Em seguida mastiga-se um bocado de pão. O sumo do limão ou vinagre amolece a espinha e o pão arrasta-a para o estômago ao engolir-se.

MARTHA THOMAS

Do Boletim «Fé e Vida»

Ora faça o favor de rir...

REPREENSÃO EM FORMA

Chefe Chico aborrecido com a visita que constantemente intervém na instrução: — Afinal quem é aqui o chefe, o senhor ou eu?

— Não, eu não sou!

— Então se não é, porque está sempre a dizer asneiras?

* * *

NÃO PROMETAS!

— Queres tu saber que o miserável me ameaçou com duas bofetadas!

— E como acabou a questão?

— Olha, deu-mas mesmo.

* * *

FALAR VERDADE

— Você intrujou-me! Vendeu-me um gato muito bom para os ratos e ele não é capaz de matar nenhum!

— Então falei verdade: Disse-lhe que era bom para eles!

* * *

PERGUNTA ACERTADA

— Quando eu era rapaz, o médico aconselhou-me a deixar de fumar porque senão poderia ficar fraco de espírito.

Ela (distraída) — *Então, porque não deixou?...*